

That of 1904 was the last civil war in Uruguay. As from said date, the proportional representation and the party system are consecrated as the mainstay of democracy and the spears were substituted by ballot boxes. The Gaucho gradually became a countryman and ceased to be considered a social danger. "Gaucho" was no longer a derogatory term and acquired value of a symbol of identity, which was exalted by both literature and plastic arts.

In 1925, Javier de Viana illustrated said change in his *Biblia Gaucha*:

*"Tough men who had committed crimes for not being able to stand the insults of the oppressor. Jaguars and pumas in whose society they lived together, were less hateful than those. Criminals...? Why...? For having killed, face to face, fair and square, some despotic inspector or some intriguing and venal judge...? No. Free men, decent men, very decent men. Sarandí, Rincón and Ituzaingó [military engagements] were gained with them."*

That year marked the centenary of the Liberation Crusade, and a huge equestrian statue was being constructed in honor of the gaucho. They set out to erect a monument of vindication which integrated the gaucho to the pantheon of founding heroes. The Executive Commission of the Monument stated that he shall be represented as *"first noble guard of the newly born country, soldier and arm of freedom, man of peace and work, ravager of the wilderness, delimeter of the homeland, tamer of wild cattle, first farmer, first singer of the new homeland."*

The jury offered the attending artists, as a way of orientation, pages of *La Epopeya de Artigas*, work from Juan Zorrilla de San Martín, "the homeland's poet". The competition was won by José Luis Zorrilla de San Martín, who proved to be the most inspired by the work of his father. The monument was inaugurated on December 31, 1927, in Montevideo's main avenue.

A guerra civil de 1904 foi a última guerra civil no Uruguai. A partir dessa data, a representação proporcional e o sistema partidário tornaram-se os pilares da democracia e as lanças foram substituídas por urnas de voto. O gaúcho tornou-se progressivamente um homem do campo e deixou de representar um perigo social. “Gaúcho” deixou de ser uma palavra depreciativa e adquiriu o valor de um símbolo de identidade, exaltado na literatura e na arte.

Em 1925, Javier de Viana ilustrou esta mudança na sua *Bíblia Gaúcha*:

*“Homens rudes que haviam cometido crimes por não suportarem os insultos do opressor. As onças-pintadas e os pumas, em cuja sociedade viviam juntos, eram menos temíveis e menos odiosos do que aqueles. Criminosos... Por que? Por terem matado, cara a cara, em uma boa luta, algum comissário despótico ou algum juiz ardiloso e venal...? Não. Homens livres, homens dignos, homens muito dignos. Sarandí, Rincón e Ituzaingó foram feitos com eles”.*

Naquele ano, era o centenário da Cruzada da Libertação e uma grande estátua equestre estava sendo construída em homenagem ao gaúcho. Eles propuseram erigir um monumento de reivindicação do gaúcho, que o integraria no panteão dos heróis fundadores. A Comissão Executiva do Monumento indicou que deveria representá-lo como *“o primeiro guarda nobre da pátria nascente, soldado e braço da liberdade, homem de paz e de trabalho, lavrador do deserto, delimitador da pátria, domador do gado bravo, primeiro agricultor, primeiro cantor da nova pátria”.*

O jurado ofereceu aos artistas convidados, a título de orientação, páginas da “Epopéya de Artigas”, obra do “poeta da pátria”, Juan Zorrilla de San Martín. O concurso foi ganho por José Luis Zorrilla de San Martín, que se revelou o mais inspirado pela obra do seu pai. O monumento foi inaugurado a 31 de dezembro de 1927, na avenida principal de Montevideu.